

DE OLHO NO DÓLAR

Nos próximos dois meses a procura pela moeda americana será bem maior que a oferta, o que não incomoda tanto o governo, que precisa de US\$ 66 bilhões em financiamentos externos. BC já trabalha com uma cotação mais alta para tentar trazê-la de volta aos R\$ 2,10 em agosto

Rumo aos R\$ 2,20

Ugo Braga
Da equipe do Correio

Dentro da instituição a ordem é evitar comentários sobre o assunto, mas o Banco Central vem trabalhando sério na hipótese de o preço do dólar no Brasil chegar a R\$ 2,20 e só voltar ao patamar dos R\$ 2,10 no segundo semestre. A previsão foi feita com base na velha lei da oferta e da procura: em abril e maio o número de pessoas querendo comprar dólares será muito maior do que os que estarão interessados em vender. E pela lei do mercado, "produto" escasso sempre fica mais caro.

O novo cenário construído pelo Banco Central chegou ao conhecimento de economistas que trabalham nos bancos no meio da semana — foi confirmado também por duas pessoas ligadas à direção do BC, que pedem anonimato porque pronunciamentos sobre taxas futuras de qualquer natureza são proibidos.

A moeda norte-americana ganha valor desde o início de fevereiro porque há mais demanda do que oferta. Mas por que, afinal, tantas pessoas querem comprar e tão poucas vender as chamadas divisas no mercado doméstico?

O professor Francisco Eduardo Pires de Souza, diretor-adjunto de pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, responde que o motivo é a exposição da economia brasileira à conjuntura externa. Algo que pode ser traduzido assim: independente dos bons indicadores internos, o Brasil tem uma conta muito grande a pagar no exterior este ano. E para quitá-la, depende de financiamento em dólar. Financiamento que não se tem certeza sobre como e a que preço virá.

A necessidade de financiamento externo do Brasil em 2001 está calculada em algo próximo de US\$ 66 bilhões. É a soma do que será gasto na importação de bens e serviços (US\$ 27 bilhões) com as amortizações da dívida externa até dezembro (US\$ 39 bilhões).

O raciocínio a ser aplicado para se entender a alta do câmbio é o seguinte: se a conta é de US\$ 66 bilhões, precisa-se de US\$ 5,5 bilhões por mês, em média, para pagá-la. Até o ano passado, US\$ 2,5 bilhões entravam no país mensalmente na forma de investimentos diretos de firmas estrangeiras. Era dinheiro garantido, que cobria boa parte da necessidade de caixa. Neste ano, a coisa mudou. A média de investimentos no Brasil no primeiro tri-



Sérgio Amaral

FRAGA, PRESIDENTE DO BC, SABE QUE APESAR DOS BONS INDICADORES, O PAÍS TEM UMA CONTA ALTA NO EXTERIOR

mestre caiu para US\$ 1,5 bilhão, o que é um problema, já que o resto do dinheiro terá de ser buscado na forma de empréstimos no exterior.

IRREAL

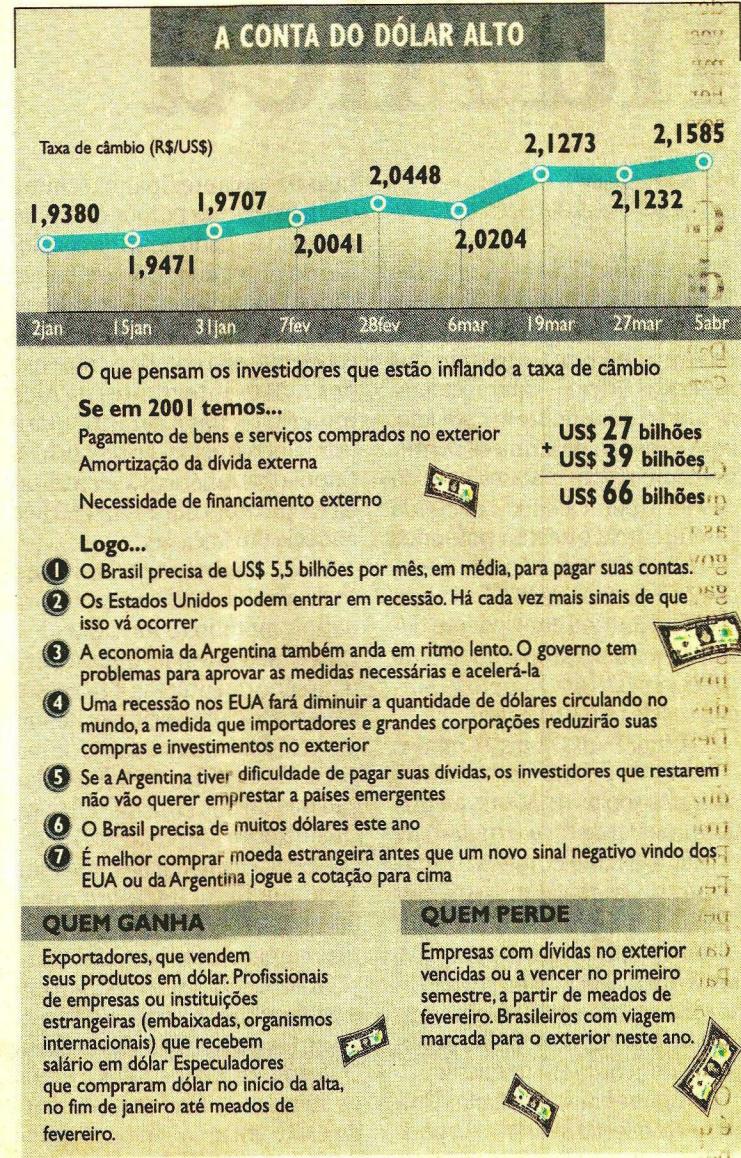
O economista da UFRJ explica que em um mercado de risco, como o de câmbio, os agentes costumam antecipar movimentos. Logo, se prevêem alguma dificuldade para obter dólares lá na frente, tratam de comprar agora. Quão pior a expectativa do quadro futuro, maior

a desconfiança de que vá faltar dólar na praça. E tome mais gente atrás da moeda americana.

Outro grupo que ajuda a fazer o câmbio subir é o dos exportadores. Quando acham que a moeda estrangeira vai ficar mais cara no futuro, eles não trocam os dólares que recebem pela venda de seus produtos. Ficam esperando a alta, para trocar as divisas por uma maior quantidade de reais. Segundo José Augusto de Castro, diretor da Associação dos Exportadores Brasileiros (AEB), não é o que está acontecendo. "Não tem

mais ninguém atrasando o fechamento do câmbio. A taxa já está em um patamar muito elevado, quase irreal", diz.

Por incrível que pareça, a moeda dos EUA ganha valor justamente por causa dos sinais cada vez mais fortes de que o país esteja à beira de uma recessão. Se descerem a ladeira, os americanos comprariam menos produtos do resto do mundo. Ou seja, vão gastar menos dólares. Além disso, as empresas reduzirão seus investimentos, e ajudarão a "enxugar" os dólares pelo mundo.



QUEM GANHA

Exportadores, que vendem seus produtos em dólar. Profissionais de empresas ou instituições estrangeiras (embaixadas, organismos internacionais) que recebem salário em dólar. Especuladores que compraram dólar no início da alta, no fim de janeiro até meados de fevereiro.

QUEM PERDE

Empresas com dívidas no exterior vencidas ou a vencer no primeiro semestre, a partir de meados de fevereiro. Brasileiros com viagem marcada para o exterior neste ano.

Bom para especulação

Os movimentos do dólar no Brasil estão atrelados à economia dos Estados Unidos de tal forma que, para se ter uma idéia, os americanos aplicaram US\$ 5,4 bilhões no Brasil no ano passado, o que representa quase 20% do total de investimentos recebidos pelo país. No ano 2000 a economia norte-americana cresceu 5%. Neste ano, há quem reze para que avance 1,8%. O temor é de que não cresça ou diminua a produção.

O economista Carlos Antônio Magalhães, da consultoria Sirotsky Associados, concorda com a explicação toda sobre a possibilidade real de o dólar chegar a R\$ 2,20, mas diz que isso tudo tem muito pouco a ver com o que chama de "equilíbrio de longo prazo".

Para ele, a taxa de câmbio está totalmente fora da realidade. "O quadro abre um espaço enorme para especulação", afirma.

Também é fato. Num cenário de incerteza, os especuladores fazem a festa. Assim, até mesmo a Argentina, que acabou de fechar um pacote de emergência com o Fundo Monetário Inter-

nacional (FMI) e garantiu todo o dinheiro que precisará neste ano, entra na conta dos perigos. Nesse caso, a explicação é que o presidente De la Rúa e o ministro Domingo Cavallo não terão força política para implantar as medidas necessárias (cortes de gastos, demissões de funcionários públicos, aumento de impostos) para fazer a economia voltar a se mover. E se eles não conseguirem, concluem os araujanos do pânico, a fonte dos investidores externos vai fechar para todos os países emergentes.

O engenheiro Gustavo Alcântara, operador de bolsa de valores do banco Prosper, confirma o cenário da especulação. "Todo mundo que opera em mercado de risco está com medo. No caso das ações, não tem quem queira comprar. E no câmbio, não tem quem queira vender". A menos que uma boa notícia reverta as expectativas, as coisas vão continuar ruins pelo menos até julho, quando começa a entrar o dinheiro da exportação da safra agrícola. (UB)